

PSICANÁLISE, RESTO E TECNOCIÊNCIA

*Rafael Lobato Pinheiro
Henrique Figueiredo Carneiro*

Donna Haraway, veterana da contracultura norte-americana em seu famoso “Manifesto Ciborgue” afirma ser ela própria um ciborgue. Mas, ela não está sozinha. Em um mundo instituído por redes de informação, conectado em todo lugar na internet por bugigangas para todos os gostos, somos todos um pouco ciborgues – híbridos de máquina e organismo.

Ciência e ficção se misturam hoje numa sociedade que confronta diariamente o humano com *híbridos tecnonaturais* (TADEU, 2009). A engenharia genética e os avanços da biotecnologia colocam em cheque toda ontologia do homem, colocando uma questão incômoda sobre a natureza do humano. A tecnociência vem transformando de maneira drástica o corpo e sua relação com o sexo e a morte. Não poucos autores apontam que o confronto do humano com clones, ciborgues e outros hibridismos tecnológicos, coloca em questão a humanidade de nossa subjetividade (KUNZRU, 2009a; TADEU, 2009). Donna Haraway, mais uma vez sem titubear, afirma que caminhamos rumo a uma “nova carne”. (KUNZRU, 2009a, p. 23). Se o filósofo Slavoj Zizek (2003) estiver certo, os novos avanços científicos e tecnológicos potencialmente tornam o sujeito liberal-democrata livre e autônomo obsoleto.

O que a tecnociência questiona não é somente a natureza do humano, mas sua originalidade. Se hoje somos capazes de experimentos avançados em inteligência artificial e manipulações genéticas surpreendentes, a pergunta incômoda é: Qual a originalidade do humano? A cibernética nos dá uma importante intuição – pessoas e máquinas não são assim tão diferentes como a maioria das pessoas gostaria de crer. Qual seria então a diferença? A psicanálise permanece então como um dos poucos

discursos que ainda porta uma subversão constante no seio da cultura – o sujeito do inconsciente como aquele que escapa constantemente a uma decifração absoluta.

Considerando os dois objetivos principais da civilização elencados por Freud (1930/2010) – proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si – podemos dizer que o primeiro deles, o domínio sobre a natureza, tem sido cumprido com certa eficácia. Podemos incluir neste primeiro objetivo todos os esforços tecnocientíficos em prolongar a expectativa de vida, novas tecnologias que facilitam o cotidiano humano, engenharia genética e, em especial, as bugigangas (gadgets) disponíveis em todo lugar para o consumo. Não se pode esquecer, entretanto, o segundo objetivo apontado por Freud: a eficácia do progresso tecnocientífico em promover o laço social. Freud (idem) já alertara para as consequências de um otimismo tecnológico cego quando comparou o homem a uma espécie de “deus protético” com seus “órgãos auxiliares” aumentando o tão cultivado anseio imaginário de tornar-se Deus. (FREUD, 1930/2010). A advertência freudiana foi clara: o poderio tecnológico não seria a condição única da felicidade humana, bem como não seria o único objetivo de nossos esforços culturais.

A tecnociência é um discurso híbrido entre ciência e tecnologia. Temos agora em sua mais desafiadora eficácia, uma “tecnociência”, na qual não só há uma exclusão do sujeito dividido entre o saber e verdade, mas ela mesma se coloca no lugar onde deveria haver espaço para a construção da história do sujeito. Não se trata de diabolizar a tecnologia que certamente andou lado a lado com a história da evolução de nossa civilização, mas, considerando sua aliança com o liberalismo econômico desenfreado, estudar os efeitos de seu vertiginoso avanço sobre a experiência subjetiva. Fala-se de uma “hipertecnologia” que vai se apoderando do corpo humano, de sua experiência sensível e sua relação com o outro. (LIPOVETSKY e SERROY, 2008)

Eventos catastróficos como o recente vazamento radioativo no Japão expõe a paradoxal relação que temos com os avanços tecnológicos. Os reverses dessa relação sempre problemática homem-tecnologia são autênticos golpes na ilusão narcísica de onipotência tão presente no homem contemporâneo. O fato de essa relação ser sempre problemática é evidência de que a angústia é efeito inescapável ao processo civilizatório e que quando a relação do homem com a tecnologia começa a se desembaraçar aí é que o verdadeiro embaraço começa. Quando o sujeito começa a acreditar nas palavras do rei do Pop que: “this is IT”. “IT” pronome neutro por excelência na língua inglesa nos dá a real dimensão do que conhecemos bem como “a Coisa”. Michael Jackson talvez tenha sido o emblema de um novo sujeito – um sujeito desancorado que levou o corpo ao limite do hibridismo. Foi duro ver o rei do pop sucumbir perante “a coisa” e se perder no buraco negro do gozo mortífero.

Sabemos que da “coisa” não tocamos senão restos. A inserção do homem na linguagem impõe uma perda – um refugio – e são estes restos, algo de não-realizado que tomamos como causa do desejo. Como diz Lacan: *“só existe causa para o que manca”* (LACAN, 1988, p. 27). O propriamente humano para a psicanálise é aquilo que capenga; que não se realiza completamente, o que erra. Enquanto a hipertecnologia trabalha para a máxima eficácia, a racionalidade operacional e a calculabilidade de tudo, o mundo do humano é composto de tropeços, perdas e restos. É lidando com estes “restos humanos” que ancoram a fantasia de cada um que o psicanalista aposta como resposta a um mundo que caminha para o pós-humano. Lacan (1959-1960) desenvolve a ética da psicanálise operando com o enigmático objeto da pulsão, o *das ding*, em torno do qual navega o desejo humano. A questão da existência permanece assim suspensa para a espécie humana quando percebemos no interior mesmo da experiência psicanalítica que o *das ding* encontra-se ao lado do sujeito, mas que este jamais toca a

Coisa, somente seus restos em infinitos reencontros. É neste espaço entre a perda e o objeto que escapa que vemos despontar em seus restos o sujeito do inconsciente (VIEIRA, 2008).

O resto como forma do humano surge como um grande acinte à competência técnica de nossa sociedade. O Resto como causa pode ser a última fronteira a ser apreendida na crescente promiscuidade entre o homem e a tecnologia. Neste sentido, pode-se dizer que o discurso tecnocientífico procura apreender e reciclar o resto. Prova disto é o sonho da neurociência em localizar no cérebro o inconsciente, tentativa de enredar de uma vez por todas o sujeito. Se Lacan criou o objeto *a* para nomear este objeto-refugio, tão íntimo e tão distante de nós foi exatamente para manter a dificuldade e não resolvê-la. A tecnociência por outro lado, busca cada vez mais “*cifrar o déficit em função de uma norma e mensurar a deficiência ou o trauma a fim de evitar interrogar-se sobre sua origem*” (ROUDINESCO, 2005, p. 89).

Atentemos para como Lacan (1964/1988) expõe de maneira absolutamente enigmática o mito da lâmina. Esta figura mítica apresentada no Seminário XI representa a libido enquanto *pura vida*; indestrutível e simplificada. “*É o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexual*”. É exatamente a esse “isso” que todas as formas do objeto *a* vem representar. A lâmina pode ser compreendida também como a libido bruta não sexualizada que permanece sempre a apontar para a perda de uma posição para sempre perdida do homem. *O mais profundo objeto perdido*, nos termos de Lacan (1964/1988). A tentativa de recuperar o resto perdido pelo homem é uma constante no processo civilizatório como uma verdadeira entropia necessária. A noção de Resto é de grande importância para a psicanálise no que concerne ao processo de hominização e subjetivação do homem como um animal falante e, por isso, desnaturalizado, tendo seu mundo mediado pela

linguagem. O homem, finalmente ferido pela linguagem *auto-engendra* sua própria morte; a linguagem enquanto tal porta com sua aparição a inexorável morte do ser. Se for consistente a afirmação da mulher-ciborgue Donna Haraway de que “*não existe, em nosso conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico*” (HARAWAY, 2009, p. 91), a resposta psicanalítica é contundente: “*o que é ôntico, na função do inconsciente, é a fenda*” (Lacan, 1964/1988, p. 36). Assim, se a tecnociência porta em si o poder de produzir uma subversão completa naquilo que conhecemos como o “ser humano”, a psicanálise por sua vez insiste na orientação de sua práxis para aquilo que no coração da experiência é o núcleo do real. (LACAN, 1964/1988).

Lacan responde ao incessante problema mente e corpo; natureza e cultura; orgânico e artificial com sua abordagem da experiência humana nos registros do real, simbólico e imaginário. Do impossível de um enodamento perfeito entre os três registros, temos a figura de um resto. Lacan não nos deixa esquecer que, para além do autômaton, do retorno e insistência dos signos, temos a função da tiquê que arrasta consigo o sujeito e que o determina em sua condição: a do traumatismo. O traumático como aquilo que há na experiência do sujeito de *inassimilável*: “*O lugar do real que vai do trauma à fantasia*” (LACAN, 1964/1988, p.61). Aqui, Lacan delimita bem a função da repetição, o encontro com o real, dentro do campo da experiência humana por excelência. Encontramos o sujeito exatamente nesta compulsão a repetir quando brinca com seus próprios restos.

Para a psicanálise, a experiência humana é original exatamente onde ela falha, quando podemos comprovar que a lide do sujeito com pulsão deixa sempre restos. O resultado disso é que o sujeito é causado a insistir, ora desejando, ora gozando. Nossa humanidade está naquilo que não reconhecemos e que rejeitamos; se existe algum “ser”

para o sujeito psicanalítico, ele só pode ser encontrado em meros “restos ônticos”, um sujeito absolutamente evanescente. Em suma, para ser humano é preciso ser defeituoso. Podemos até estar cada vez mais parecidos com ciborgues; cheios de hibridismos com nossos órgãos protético-auxiliares, mas se temos um corpo vivo, assolado pelo real pulsional a todo momentos temos que lidar com restos. Como num sistema artificial complexo como um computador pessoal, por exemplo, nós também temos nosso *bug*; uma falha no sistema – nunca processamos completamente o sexual e a morte. Se a tecnociência ilude o sujeito a tomar o resto como aquilo que demonstra nossa incompetência, é justamente porque há restos que sustentamos nossa errância subjetiva.

De tal modo, evidencia-se uma relação indissociável entre sujeito e resto (VIEIRA, 2008). A tecnociência pretende permitir o controle racional e calculado do corpo e das máquinas com a promessa de “*reduzir problemas confusos à condição de simples tarefas de engenharia*”. (KUNZRU, 2009b, p. 125). Do lado do sujeito, porém, a equação deixa restos e o sintoma aparece como marca singular irreduzível (VIEIRA, 2008). Marca original do mal-estar na cultura, o sintoma evidencia a falha de nosso sistema; acossado pela virulência pulsional resta ao sujeito estar sempre propondo dilemas. Não é a toa que em quase todas as tentativas da ficção científica criar um ciborgue ou um homem livre de seus “restos humanos” ela sempre fracassa. No fim do filme nos deparamos com robôs apaixonados; máquinas enfrentando dilemas éticos ou androides em busca de suas origens. Prova patente de que para criar um *ser humano*, antes de tudo, a tecnologia precisaria “deixar a desejar”.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930) In: **Obras Completas**, v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

KUNZRU, H. “Você é um ciborgue: Um encontro com Donna Haraway. In: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009a.

KUNZRU, H. Genealogia do ciborgue. In: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009b.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LIPOVESTSKY, G; SERROY, J. **A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

VIEIRA, A.M. **Restos. : Uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

ROUDINESCO, E. **O paciente, o terapeuta e o Estado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

TADEU, T. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano In TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ZIZEK, S. a falha da bioética. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 4-8, 23 jun. 2003.

SOBRE OS AUTORES

Rafael Lobato Pinheiro: Psicólogo. Mestrando em psicologia pela UNIFOR. Bolsista pela Fundação cearense de apoio ao desenvolvimento científico (FUNCAP). Membro do LABIO (Laboratório sobre as novas formas de inscrição do objeto. UNIFOR).

Henrique Carneiro Figueiredo: Psicanalista, Pós-doc em andamento no CNRS - CERMES3 - CESAME - Université Paris V - Sorbonne (2010-2011). Professor Titular da Universidade de Fortaleza. Pesquisador da ANPEPP - GT Psicopatologia e Psicanálise. Membro fundador da AUPPF. Editor da Revista Mal-estar e subjetividade.